

4ª PARTE

---

# PROSA DE FICÇÃO

## CENA SURREAL

*Pádua Lopes*

Um homem aparece na porta aberta de um apartamento em que moram três mulheres desconhecidas, todas estão em colóquio sentadas no chão da sala. O homem procura o amigo Dario. As mulheres não conhecem esse indivíduo no prédio, mas uma delas sugere ao homem para entrar e participar da roda; as demais insistem no convite porque todas estão solitárias, precisam de companhia para não se atracarem umas às outras de tanto tédio.

Desconfiado e cautelosamente, o homem se senta numa banquetta. Ainda é de manhã, cerca de nove horas, terá tempo de sobra para procurar o amigo depois de um contato rápido com as mulheres carentes. Responde de bom humor às perguntas banais. As mulheres trazem cerveja para animar a recepção; o homem bebe e as mulheres bebem. Conversam sobre diversos personagens e, sobretudo, a respeito dos artistas, gargalhando descontraidamente das piadas improvisadas.

A mulher que fez o convite à entrada, de cabelos compridos, simpatiza com o homem e começa a seduzi-lo com gesticulações maliciosas. Percebendo a artimanha, as outras tentam, por inveja, desacreditá-la perante o homem. A ironizada retruca a provocação acarinhando desafiadoramente com a mão a ponta do queixo do homem. O ambiente se fecha no apartamento porque as três mulheres estão prestes a se esbofetear. Banida a delicadeza do convívio, vociferam palavrões ameaçadores.

O homem se sente culpado pela discussão das mulheres. Melhor ir ter com o amigo, que se queixa de dores intensas no lado esquerdo do corpo. Possivelmente, um distúrbio coronário. Não tem família para acudi-lo, está com medo do pior. Precisa urgentemente de ajuda.

Levantando-se decidido, o homem diz que precisa ir embora por causa do amigo e por não tolerar briga. As mulheres pedem desculpa em coro e o agarram pelos braços e pelo pescoço como policiais treinadas na imobilização de criminoso. Acusam-no de ser demasiado rigoroso, o amigo dele há de compreender o pequeno atraso para mais uma cerveja. O homem cede, não pela violência do impedimento de sair, senão pela vaidade de se julgar alvo da disputa sexual das mulheres. Senta-se para gozar da bajulação feminina que lhe atribui qualidades que gostaria de tê-las. As mulheres trazem aguardente com azeitonas, limão e sal, para tira-gosto. Serenado o clima tenso, as mulheres se irmanam em celebração pela presença do homem.

Transcorrido um lapso de tempo, a segunda mulher, de cabelos curtos, inclina o corpo para frente exibindo parcialmente o volume dos seios para o homem. Com o ar de quem possui trunfos escondidos, a mulher de cabelos compridos zomba da audácia por ser tardia como se já tivesse a preferência exclusiva do homem. Menosprezando esse convencimento, a rival assume as feições de arrebatada paixão.

A conversação se prolonga além do meio dia. O homem olha o relógio e se levanta. “Tenho de ir; meu amigo se sente mal; devo procurá-lo neste prédio”. As mulheres protestam e pedem justificativa para a saída abrupta. Quando o amigo do homem falou ao telefone, de tão nervoso, não o informou o andar nem o número do apartamento. Não; o porteiro não conhece Dario. O prédio tem dez andares e cada um deles, quatro apartamentos. A busca estafante será de apartamento em apartamento; este é apenas o terceiro andar.

As mulheres puxam o homem e dizem “aqui é o canto certo; você procurou e nos achou. Essa tarefa insana pode ficar para depois”. O homem condescende com o apelo, concordando que é cedo e ainda pode permanecer no conforto do apartamento. Solicita queijo; está

em falta. Mas em compensação tem música, aguardente e cerveja. A mulher de cabelos compridos pega o violino, a de cabelos curtos traz um tambor e a de cabelos presos numa touca põe a flauta na boca. O homem adora música e o repertório o embevece sobremaneira. As mulheres demonstram habilidade nos instrumentos, uma pequena orquestra à disposição do homem que se entusiasma com a execução impecável das suas canções prediletas.

A mulher de touca na cabeça dedica uma canção romântica ao homem na qual transmite um desejo voluptuoso implícito. As outras duas observam a lânguida companheira, cada qual ciente dos poderes de atração exercidos sobre o homem que vivencia uma experiência incomum. Ele sempre procurou as mulheres e, desta vez única, acontece o inverso, a de estar sendo disputado por três. Contudo, angustia-se por não atender ao amigo quando badalam três horas da tarde. Não tem culpa se o amigo não lhe forneceu o número do apartamento de modo que anda perdido entre os quarenta do prédio. Aquela porta se abriu primeiro lhe oferecendo mulheres excitantes. Seria um despropósito escapular desse ninho acolhedor; há tempo suficiente para se deleitar um pouco mais antes de ajudar o amigo. “Não sou médico!” – cisma.

O homem retribui o interesse manifestado pela flautista que remete para ele um beijo chupado, de longe. Em concorrência imediata, a violinista flerta com um piscar do olho, enquanto a do tambor acena mexendo a língua nos lábios. O homem está visivelmente indeciso; não sabe qual escolher. A vontade é de agarrá-las para rolar no chão com as três. Impossível; elas estão protegidas pelos instrumentos musicais que não permitem uma aproximação corporal; elas são escorregadias feito cobra.

As mulheres se oferecem e se negam ao mesmo tempo. O homem antevê dificuldades de as conquistar. A sua tática será a de embebedá-las para ficarem desinibidas e acessíveis à abordagem

amorosa. Continua a ingerir aguardente em grandes tragos e cerveja em largos goles. O pôr do sol sinaliza cinco horas da tarde, ele presume que o amigo pode ter sido ajudado por outra pessoa. Depois de acertar o namoro com uma daquelas mulheres, vai procurá-lo de qualquer maneira. Não faltará ao dever da amizade.

A sua escolha tática recai sobre a mulher de cabelos compridos que reputa a mais dócil pelas maneiras cheias de ternura. Como a ler o pensamento do homem, a mulher cruza as pernas na sua frente mostrando nitidamente a cor do pano que recobre o encontro das coxas. A opção parece correta. Ela se levanta e caminha com meneios dos quadris para o recanto da sala; ele a persegue e alisa suas costas. Porém, ela o rechaça, não é para tocá-la. O homem recua mansamente e prossegue a bebedeira com mais sofreguidão. Não come mais azeitona, pois arrota, com barulho, o gosto azedo do fruto em conserva.

Nove horas da noite, o homem já não se lembra do motivo que o trouxe ao prédio. Todavia, a frustração lhe bate no peito. Enrola a língua pastosa para desabafar:

— Por que me recusam? Não foram vocês que me convidaram a participar da roda? As insinuações eróticas de vocês são mentirosas? Estou por acaso fazendo um papel de idiota?

Pronunciando pausadamente as sílabas, a mulher de cabelos compridos fala no tom ameno de um conselho.

— Você foi convidado para desfrutar de nossa companhia; só isso. Nada lhe foi prometido. Desconhecemos quem você seja, ou o papel que faz, a não ser que você adia um pedido de ajuda. Você interpretou mal nossa gentileza; aqui, não é um prostíbulo. Estamos fartas de seu atrevimento. Assim, é melhor você correr para encontrar o amigo enquanto é tempo.

O homem estaca no corredor precariamente iluminado, bêbado e desnortado. O elevador não funciona; a escadaria está perto. Subiu a pé, irá agora pelos degraus abaixo. Desce dois lances da escada, do terceiro para o primeiro andar. Uma comitiva se interpõe no último lance, o homem não pode ultrapassá-la. Aguarda o lento deslocamento das pessoas atrás de carregadores de alguma coisa bastante pesada. As passadas trôpegas agradecem a lentidão.

Os carregadores alcançam o pavimento térreo com o fardo desconjuntado; falam alto e pedem urgência, mas avançam devagar no salão. A algazarra da comitiva atiça a curiosidade do homem que, apesar da embriaguez, afasta as pessoas para espiar o fardo carregado que é o corpo amolecido e sem movimentos de um indivíduo suspenso pelos braços e pelas pernas para não cair no chão. As pupilas do homem se dilatam como se tivesse vendo um fantasma. Aquele indivíduo é o próprio amigo que lhe pediu ajuda pela manhã.

— Parem, faz favor! Sou amigo dele.

Surpreendidos pelas palavras, os carregadores acatam a ordem imprevista do homem que se aproxima do indivíduo desacordado e lhe bate suavemente no rosto derreado. Chama em tom alto para o despertar:

— Dario, Dario, meu amigo. Abra os olhos: sou eu. Estou aqui para salvar você!

— Tar-de... Tar-de...

Uma ambulância com a sirene de alarme ligada freia defronte o prédio. A apressada equipe de emergência deita o doente na maca, toma o pulso em que esmorecem os batimentos cardíacos, a pressão cai a zero, a respiração ofega. Com estetoscópio o enfermeiro ausculta o coração e logo usa a técnica de ressurreição. O paciente não reage ao tratamento. Depois de alguns minutos, o profissional desiste e fecha os olhos do paciente. Ao redor, os vizinhos solidários,

que atenderam os frágeis gemidos de ajuda, estão em suspense. As mulheres choram baixinho. A maca conduzindo o paciente abre alas entre os integrantes da comitiva para ser depositada na traseira da ambulância. O veículo de socorro engata a marcha lenta, sem ligar a sirene.

O homem está inerte como sob hipnose, não compreendendo a ocorrência. Assiste apavorado ao retorno dos vizinhos do quarto andar para o interior do prédio cochichando sobre o incidente, mas sem expressarem pesar ou tristeza. Nem há comoção ou lágrima. Ele pensa que o amigo está salvo pela ambulância. Exultando de contentamento, por ter cumprido o dever de honra, se retira do salão para o pátio que existe antes da portaria, ladeado pelo jardim. Ouve o ressoar suave dos acordes introdutórios da sua música preferida. As cordas do instrumento vibram a partir da varanda do terceiro andar que tem um projetor de luz direcionado para a solista. A emoção invade o cérebro alcoolizado do homem, que ri de alegria e começa a dançar sozinho.

Nisso, um residente notívago e inebriado adentra o pátio, escuta a música e enxerga o dançarino solitário; não sabe se é homem se é mulher. Aproveita a festança para se divertir também. Como um par, os dois dançam descompassadamente ao som do violino.

A paisagem estática, com cheiro de treva espessa, invoca um quadro sombrio de natureza-morta. No firmamento limpo, as nuvens não flutuam, vagas estrelas circundam a lua em fase minguante. O vento pede uma trégua e se cala. As plantas e as árvores do jardim não movem uma folha, os grilos não estridulam nos arbustos, as lagartixas não correm no gramado nem nas paredes em caça aos insetos. Quando a melodia termina, o silêncio vibra no oco do mundo.